

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SERRA, Ordep. Ordep José Trindade Serra (depoimento, 2020). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 39min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ordep José Trindade Serra  
(depoimento, 2020)**

Rio de Janeiro

2021

*Ficha Técnica*

***Tipo de entrevista:*** História de vida

***Entrevistador(es):*** Celso Castro;

***Técnico de gravação:*** Gabriel Cuperman Ribeiro;

***Data:*** 14/10/2020

***Duração:*** 1h 39min

Arquivo digital - vídeo: 1;

***Temas:*** Antropologia; Bahia; Cultura; Etnias; Família; Formação escolar; Golpe de 1964; Índios; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); Intolerância religiosa; Meio ambiente; Patrimônio cultural; Política indigenista; Religiões afro-brasileiras; Universidade de Brasília; Universidade Federal da Bahia;

## *Sumário*

*Entrevista: 14.10.2020*

Origens familiares; a formação escolar no Colégio Antônio Vieira; a mudança para Brasília e os estudos na Universidade de Brasília (UnB); reflexões sobre os impactos do golpe de 1964 na UnB; a detenção pelos militares e as convicções políticas do entrevistado; as experiências vividas em Brasília na UnB; as experiências com povos indígenas no Xingu em finais da década de 1960; o retorno a Brasília e o mestrado em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação da UnB; a pesquisa sobre os Erês no Candomblé; a pesquisa de campo no Terreiro Tanuri Junsara; a opção por não ser iniciado no Candomblé; a orientação do mestrado por Roque de Barros Laraia; o prosseguimento das aulas de grego durante o mestrado; a pesquisa de Antropologia com Martín Ibañez-Novión; o casamento com sua companheira e o retorno à Bahia; o trabalho na Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador; o tombamento do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho em 1986; os debates acerca do tombamento do Terreiro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); as diversas concepções de cultura e memória presentes no Brasil; o apoio de diversos grupos sociais no tombamento de artefatos culturais de religiões de matrizes africanas; o início da carreira docente na Universidade Federal da Bahia (Ufba); a fundação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Ufba; a direção do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac) e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb); o debate sobre a nomenclatura de patrimônios imateriais; reflexões sobre as ações do governo Jair Bolsonaro; o processo de ressurgências étnicas e de uma consciência identitária pan-indígena; a defesa dos movimentos indígenas e ambientalistas; o doutorado na Universidade de São Paulo (USP); a pesquisa sobre a mítica de Édipo e a temporada no Centre Louis Gernet; o contato com helenistas e a imersão em projetos voltados ao helenismo; a diversidade de temas de pesquisa do entrevistado; a fundação do Koinonia: Presença Ecumênica e Serviço; reflexões sobre a perseguição às religiões de matriz africana em crescimento no Brasil; leituras que marcaram a trajetória do entrevistado; os atuais escritos do entrevistado.

Entrevista: 14.10.2020

Celso Castro - Bom, então vamos começar a entrevista com o professor Ordep José Trindade Serra. Bom, em primeiro lugar, Ordep, obrigado por colaborar com o nosso Projeto *Memória das Ciências Sociais no Brasil*. Não sei se você chegou a ter tempo de ver lá a página, mas o Projeto tem por objetivo constituir um acervo de entrevistas com cientistas sociais que fica disponível depois para consulta pública e muitos pesquisadores, alunos, podem ver. Então, em primeiro lugar, obrigado aí pela sua colaboração.

Ordep Serra - Obrigado a você.

C.C. - Imagina. Bom, vou começar falando... queria te perguntar um pouco sobre a sua família de origem, a sua infância, escolaridade antes da faculdade ainda. Você é de Cachoeira, Bahia, não é?

O.S. - Nasci na cidade de Cachoeira. Fica aqui no Recôncavo, muito perto de Salvador. É uma cidade bastante conhecida, porque ela é antiga na Bahia. Ela... até durante uma vez por ano ela é capital da Bahia por causa do desempenho que Cachoeira teve lá nas lutas de Independência. Então, nasci aí no Recôncavo, de uma família pobre. Não é? A minha mãe era, na verdade, da Chapada Diamantina. Meu pai era de Cachoeira mesmo. Então, sou uma mistura de Sertão, de Chapada, com Recôncavo. Família pobre. Fiz, até o secundário, eu concluí aqui em Salvador, no Colégio dos jesuítas, o Antônio Vieira.

C.C. - Mas o seu pai... Perdão, Ordep. O seu pai trabalhava no quê? Trabalhava...

O.S. - O meu pai, ele era comerciário, na verdade. Ele começou com uma... ele tinha uma roda d'água. Trabalhava com uma roda d'água num lugarejo, uma vilazinha chamada Jequi, onde a gente passou uma parte da infância. A minha mãe era parteira, pintora, poeta. Não é?

C.C. - Qual o nome deles?

O.S. - Como?

C.C. - O nome deles.

O.S. - Pedro Esmeraldo Serra, era o meu pai. A minha mãe, Esther Trindade Serra. Então, um do Recôncavo, a outra da Chapada. A gente morou um pouco no Piemonte da Chapada, numa

vilazinha. Depois, estudei em Cachoeira e vim, finalmente, para Salvador. Então, sou... estou ligado a Salvador desde muito cedo. Eu vim para aqui com 12 anos. De vez em quando estou em contato com a minha cidade natal, mas estou muito ligado também a Salvador.

C.C. - Mas você foi para Salvador, você tinha família lá ou você foi sozinho?

O.S. - Não, eu vim para aqui para o Colégio. Naquele tempo, tinha colégio interno. Eu me internei, consegui uma bolsa para o Colégio Antônio Vieira, que é um colégio, na verdade, de elite. Mas eu consegui uma bolsa e estudei nesse colégio com os jesuítas. A maioria eram italianos. Foi muito bom para mim a influência deles porque muitos deles eram bons latinistas. Eu me interessei muito pelo latim e pelo italiano. Então, eu tenho essa dupla dívida com eles, de formação. Me despertaram muito o amor por essas línguas. Aqui, eu comecei... Eu fiz o vestibular, primeiro, para Direito. Abandonei nas primeiras aulas. Descobri que não era isso que eu queria. Depois, fiz vestibular para Filosofia, mas também deixei logo no começo. E fui para Brasília, onde me matriculei na UnB. Eu tinha formado a ambição de ler Homero. Eu já tinha... já dominava o latim nessa época, graças aos padres que me ensinaram - os bons professores de lá do Antônio Vieira. Eu dominava o latim. Já tinha lido Virgílio e quem lê Virgílio, em geral, fica com essa sede de ler Homero. Então, eu decidi que ia aprender grego. Soube que em Brasília estava se formando... A Universidade estava nascendo. Tinha o Centro de Estudos Clássicos, que era dirigido pelo professor Eudoro de Sousa, que é um helenista famoso, muito importante. Então, eu fui para Brasília com essa ambição. Foi Homero quem me puxou para Brasília.

C.C. - Em que ano você foi para Brasília?

O.S. - Fui para Brasília. Eu estudei na UnB. Fiz lá meu...

C.C. - Em que ano você chegou? Em que ano você foi para Brasília?

O.S. - Eu fui para Brasília no fim do ano de 63. Peguei logo a desgraça do golpe militar em Brasília.

C.C. - Como é que foi, você lembra? Porque afetou a Universidade, não é?

O.S. - Lembro. A experiência dessa... A minha experiência em Brasília foi muito rica, por um lado, porque fiz uma boa aprendizagem no Centro de Estudos Clássicos e cheguei a ensinar grego lá na UnB, mas, por outro lado, eu vi o assalto da estupidez da Ditadura Militar

contra a Universidade, com uma ira terrível contra a inteligência (uma coisa que se repete agora). Tem um episódio engraçado: a primeira invasão da Universidade de Brasília... Quer dizer, um pequeno detalhe, um pormenor engraçado: na primeira invasão da Universidade de Brasília, foi uma tropa grande, acho que era a Polícia Militar de Minas Gerais, e também do Exército. Eles invadiram a Universidade com armamento pesado, com metralhadoras. Levaram até ambulâncias, porque eles esperavam um combate contra os comunistas, que estavam lá “dominando” a Universidade. Chegou aquela tropa armada prendendo as pessoas. Detendo, detiveram muita gente. Eu fui detido da maneira mais ridícula, da maneira mais engraçada. Eu estava com uma pilha de apostilas de grego. Um soldado cismou que aquilo era russo. Eu estava distribuindo panfletos russos por ali. Nessa época eu tinha o que? 18 anos, não é? Eu caí na risada, eu fui preso rindo.

C.C. - Mas você tinha alguma participação política, alguma atuação ou não?

O.S. - Eu sempre fui de esquerda. Nunca fui ligado a nenhum partido, mas sou de esquerda no sentido... Eu defino o homem de esquerda como aquele que luta contra a desigualdade e por liberdade. Então, eu tinha sempre essa preocupação: preocupação com a liberdade e com o combate à desigualdade, que é um câncer desse país. Mas, nessa altura, eu era apenas um estudante recém-chegado, não tinha ligação com nenhum dos partidos que havia lá, nenhum dos partidos de esquerda, mas tinha esse pensamento. E fui preso por acaso, na primeira vez. Ah, sim, tinha uma coisa: eu era monitor no curso de Paulo Freire. Não é? Paulo Freire fazia um trabalho... ele tinha começado um trabalho lá em Taguatinga, cidade-satélite de Brasília. Eu me interessei muito por aquilo. Eu conheci Paulo Freire. Não é? Conheci muita gente boa, muita gente importante lá em Brasília nessa época. Fiquei fascinado por essa ideia de alfabetização etc. Foi uma experiência muito curta, porque parou justamente na altura do golpe, do golpe militar. Essa foi uma razão pela qual eu tive que passar alguns tempos encolhido. Não é? Não escondido, mas encolhido, porque Paulo Freire já tinha ido para o Chile, mas havia aquela demonização do Paulo Freire e de todos os auxiliares que ele teve, de quem se envolveu com a coisa. Sempre havia um receio. Eu era muito amigo também do presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília, a FEUB, que era, naquela altura, era Luiz Pontual. Somos amigos até hoje. O Pontual teve que se esconder, foi um clima muito pesado. A gente teve que ir, logo nessa primeira... nessa primeira leva, nós somos levados... Nessa primeira invasão, nós somos levados para o Teatro Nacional. Ficamos lá, uma multidão - professores, alunos. Uma coisa meio arbitrária, não é? Eles

pegavam as pessoas que eles suspeitavam, levavam para um campo de *basketball*, que tinha lá. Até hoje, quando eu vou a Brasília, visito o campus da Universidade e passo por aquele campo, eu já faço assim. Eu fui detido umas três ou quatro vezes, acho que ficou o reflexo. Eu faço isso de gozação, claro, hoje em dia, quando passo por lá. Bom, então, foi a primeira, mas, evidentemente, quando me interrogaram, eu mostrei as apostilas que tinha, me eximindo. Aí me soltaram logo, porque a coisa era tão... virou uma diversão de todo mundo que estava ali, a minha prisão por esse...

C.C. - O seu material de língua grega não devia...

O.S. - Pois é. Um louco de um soldado daqueles, ignorante, achou que era russo. Agora, imagine que loucura alguém estar distribuindo panfletos em russo. Não é? Uma piada!

C.C. - Você, durante o curso de graduação, você se sustentava como em Brasília? Morava onde?

O.S. - Eu consegui uma bolsa também. No começo foi muito duro, porque eu cheguei com pouco dinheiro. Tinha amigos que eram daqui da Bahia, como o professor Xavier Carneiro, que faleceu recentemente e era ligado ao Centro de Estudos Clássicos. De vez em quando eu o convidava para almoçar comigo na casa dele. Então, fazia dessas coisas. No começo foi muito duro, mas quando consegui a bolsa fiquei estabilizado lá. Me dediquei ao estudo das línguas e culturas clássicas. Me formei em Letras primeiro. Depois é que passei para a Antropologia, no mestrado, muito tempo depois.

C.C. - Pois é, mas nesse meio tempo...

O.S. - Como?

C.C. - Nesse meio tempo você se formou, o que, final de 60 e...?

O.S. - Eu me formei em Letras Brasileiras. Na verdade, cheguei a ensinar grego na Universidade de Brasília, como instrutor. Não é? Instrutor. Dei aula de grego. Inclusive, dei aula de grego para o pessoal de pós-graduação - algumas pessoas que chegaram na pós, que não tinham domínio da língua grega, foram meus alunos porque o Eudoro de Sousa, que era um professor magnífico, extraordinário, não tinha muita paciência para dar o grego básico. Como eu já dominava, foi minha primeira experiência como professor - foi como professor de língua grega. Mas, depois, foi meu irmão para lá - Olímpio Serra, que também é

antropólogo. Ele queria estudar com o Galvão. O Olímpio veio a ser, mais tarde, diretor do Parque do Xingu, Parque Nacional do Xingu. Foi também onde eu comecei a minha experiência de antropólogo. Também fui muito influenciado por dois antropólogos. Um, mais velho que eu, que é o Pedro Agostinho, que está aqui. Fui muito influenciado. Também fui colega do Rafael Bastos, que é um etnomusicólogo. Éramos amigos. Nesse convívio com Pedro e com Rafael, cheguei a assistir algumas aulas do professor Galvão e comecei a me interessar por Antropologia. O próprio ensino do Centro de Estudos Clássicos, do jeito como o Eudoro o administrava... O Eudoro era muito inimigo do que ele chamava de beletrismo. Se você quer entender o pensamento dos gregos, você tem que prestar atenção a toda a cultura grega. Mais do que isso, ao mundo Mediterrâneo, àquela interação de culturas e civilizações diferentes que formaram o Antigo Mediterrâneo. Então, ele dava uma visão que era de fundo antropológico mesmo. Ele já fazia um pouco no estilo de Vernant, de uma Antropologia Histórica. Era a orientação dele. Depois, quando meu irmão começou a lidar com povos indígenas, eu fiquei seduzido por isso também. A minha primeira pesquisa antropológica foi casual. Resultou um livro disso, que se chamava *Apocalipse no Xingu*. Eu fui, passei uma temporada no Xingu. Não foi assunto da minha dissertação de mestrado em Antropologia, meu assunto foi outro. Mas a minha primeira experiência foi lá. Só muito mais tarde...

C.C. - Essa temporada no Xingu, quando que você passou?

O.S. - Isso foi lá por volta de 69, por aí. 1969, por aí. Eu já tinha sido desligado do Centro de Estudos Clássicos. O interventor, que era um Capitão de Fragata da Marinha, lá na UnB, ele acabou com o Centro de Estudos Clássicos. Ele achava que aquilo era uma coisa inútil. Um dos meus colegas... um dos meus colegas que já era instrutor foi preso. Outro foi demitido. O Xavier Carneiro foi demitido. O Emanuel Araújo foi preso, mais tarde. Ele era muito ativo na política, na luta contra a ditadura. Foi preso. O professor Eudoro de Sousa, que era o coordenador do Centro de Estudos Clássicos, respondeu a um IPM. E os instrutores, nessa altura, faziam mestrado. Eu queria fazer um mestrado lá no Centro de Estudos Clássicos. O tema da minha tese... da minha dissertação seria os Mistérios de Elêusis. Mas, eu fui... tive uma “expulsão branca”. Cortaram a minha matrícula e a minha bolsa. Eu passei ainda algum tempo ainda em Brasília, dando aulas em um cursinho para sobreviver. Depois, vim para aqui para Salvador. Passei uns tempos, ensinei no Colégio Antônio Vieira. Não é? Ensinava Português. Ensinei em Brasília... Não, isso foi mais tarde. Depois eu voltei para Brasília,



interessado... Já tinha passado o pior da Ditadura, já tinha passado. 70, 70 e tantos. Eu voltei a Brasília e fui fazer Antropologia. Fiz o mestrado...

C.C. - Ordep, me explica, me fala um pouquinho dessa sua experiência no Xingu, essa viagem primeira que você fez. Você ficou quanto tempo lá, como é que foi?

O.S. - Olha, eu fiquei pouco tempo, na verdade. A experiência maior foi de dois a três meses. Depois, eu voltei numa ocasião, mas muito rapidamente. Nesse período, eu fiquei mais próximo dos Kamayurá. Nos Kamayurá, um pouco, e nos Yawalapiti também. Eu não tinha a intenção de fazer uma pesquisa, mas eu tive a curiosidade desperta por alguns aspectos da cultura xinguana. Primeiro, por aquela coisa extraordinária, aquela ecumene verdadeira que se formou no Xingu. Tinha, na época, 16 povos diferentes, falando línguas diferentes, com estilos de vida diferentes, mas formavam, como eu disse, uma ecumene, uma totalidade, uma unidade fantástica que se superpunha a essa diversidade toda. Aquilo era muito fascinante. Eu me interessei pelos ritos. Cheguei a fazer o projeto de estudar o *Jawari*, que é um rito dos Trumai, mas não levei isso à frente. Eu me interessei sobretudo pelo xamanismo. Fiz uma amizade muito grande com um xamã, que depois me visitou aqui em Salvador. Ele chamava Tacumã. Era o principal xamã xinguano. Naquela época, era chefe dos Kamayurá. Ele me contou a sua experiência xamânica. Eu comecei a me interessar pela mitologia xinguana, que é muito rica. O meu livro, *Apocalipse no Xingu*, ele é centrado na mitologia xinguana. O título vem da maneira como eu classifiquei um mito xinguano, que é a história de um homem que faz... durante um eclipse, ele se encontra com um amigo morto e acompanha esse amigo morto até o reino dos mortos - que, para os xinguanos, fica no céu. Eles sobem pela Via Láctea. É um mito bonito. É um “apocalipse” no sentido originário do termo, no sentido etimológico, no sentido grego: é uma revelação, ele traz uma revelação lá de cima, de como é o outro mundo, conta como é o outro mundo. Também traz cantigas. Era um herói chamado Arawitará. Aí, eu comecei a pesquisar, comecei a estudar esse mito. Quando a gente começa a estudar um mito, vem logo uma fileira de outros com os quais ele se relaciona. Então, meu livro é sobre isso. Mas eu escrevi muito tempo depois, muito tempo depois, quando eu descobri - redescobri - um diário de campo esquecido. Aí eu comecei a ler esse diário de campo e tive uma sensação muito estranha: eu não me reconhecia. Entende? Quem é esse rapaz? Como é que ele pensa? Que jeito curioso que ele tem de pensar, tão diferente do que eu tenho agora, com uma sensibilidade diferente da que eu tenho agora. Então, eu escrevi um

livro um pouco para recuperar - para estudar a mitologia xinguana, que é muito bonita, muito rica, e para reencontrar esse rapaz que eu era e que eu não conhecia mais.

C.C. - Essa volta à Brasília - você voltou, quer dizer, você não foi direto para o mestrado, você recomeçou a dar aula de grego?

O.S. - Eu voltei para Brasília e no começo ensinei Português e Introdução à Filosofia numa Faculdade de Taguatinga - acho que era a Faculdade de Ciências Humanas de Taguatinga - que estava-se implantando lá. Roberto Cardoso de Oliveira estava implantando o Programa de Pós-Graduação em Antropologia, em Antropologia Social. Eu me candidatei e passei. Mas aí eu já utilizei... [toca o telefone] Perdão, deixa eu desligar isso aqui. Desculpem, o papagaio de bolso fez barulho. Mas eu vou deixar ele um pouco longe de mim, se não ele nos atrapalha. Desculpem. Deixei o papagaio de bolso com a minha mulher. Ele não vai nos incomodar mais. Como eu dizia, eu voltei à Brasília por convite de um colega que ensinava nessa Faculdade. Voltei para Brasília. Mas aí houve essa... Descobri esse Programa de Pós-Graduação e fiz. Utilizei... A minha dissertação de mestrado, na verdade, foi sobre outro assunto. Não tinha a ver com a minha experiência xinguana, mas com a minha experiência aqui em Salvador, quando eu me aproximei de um Terreiro Angola e me interessei pelos chamados *Erês*. Eu acho que a minha dissertação continua sendo o primeiro estudo sistemático sobre os *Erês*. Só há poucos anos um estudante aqui do Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal da Bahia voltou a estudar este assunto. Mas foi uma certa...

C.C. - *Erês* são crianças? Explica um pouco.

O.S. - É, *Erês*. Existem dois tipos de transe no Candomblé. Um transe em que a pessoa é possuída pelo *Orixá*. Mas existe um transe intermediário. A gente pode passar... por exemplo, se você recebe *Orixá*, você pode voltar imediatamente à sua pessoa civil, mas pode ficar num estado intermediário. Muito tempo de iniciação, o neófito passa a maior parte do tempo nesse estado intermediário que é o *estado de Erê*. Não é? Ele tem um comportamento infantil, muito parecido com o de crianças mesmo. Por quê? Porque ele nasceu outra vez. O que se faz no Candomblé é uma diferença entre o *Orixá* e o *Santo*. Você pode ser, por exemplo, do *Orixá Xangô*. Não é? Isso significa... Mas se você é iniciado, vai-se fazer o seu Santo. O seu *Xangô*, que é único e individual, que é diferente de todos os outros, vai ser feito, vai nascer. Entendeu?

C.C. - Uhum.

O.S. - Ele nasce e ele precisa ser educado. Durante o tempo de iniciação, há esse trabalho de “criar o *Santo*”, como dizem. A pessoa passa o tempo todo nesse estado que eu chamei *estado de Erê*. Tem cerimônias, tem festas - em geral, depois da festa, num período chamado *Leri*, as pessoas entram nesse *estado de Erê* e tem festas e tem todo um comportamento, um comportamento diferente; tem toda uma mítica diferente. Era uma coisa que não era muito estudada, quase não era estudada antes, no caso do Candomblé. Todo mundo dava mais atenção ao culto dos *Orixás* e ao culto dos *Mortos*, propriamente. O *Erê* não era visto. Mesmo porque para você ver os *Erês*, você precisa demorar no Terreiro. É preciso que você fique quando a festa acaba. Depois que a festa acaba, você pode ver os *Erês*. No segundo, no terceiro dia. Aí que você vai... Vai acontecer o *Leri*, você vai ver os *Erês*. Então, foi esse o tema da minha dissertação de mestrado.

C.C. - Como é que foi a pesquisa de campo lá no Terreiro?

O.S. - Olha, eu me aproximei muito do próprio Terreiro. Eu estava lá todo dia. Inclusive eu fui apontado como *Ogã*, escolhido pela Mãe de Santo. Chamava-se Mãe Bebé Conderenê (título ritual dela), Mãe Bebé de Oxum. Ela me apontou. Disse: “você vai ser *Ogã* do meu *Orixá*”. No caso, do *Nkise* dela. Ela era Angola. Mas, não cheguei a fazer nenhum rito iniciático lá, nesse Terreiro Tanuri Junsara. Isso facilitou muito as coisas. Eu era visto como uma pessoa do Terreiro.

C.C. - O *Ogã* não entra em transe, não é?

O.S. - Como?

C.C. - O *Ogã* não entra em transe.

O.S. - Não, o *Ogã* não entra em transe. Existem... No Candomblé você tem pessoas que se iniciam para receber o *Orixá*, que são chamados de *Iaô*, [inaudível] e assim por diante... *muzenza*, dependendo da nação do Candomblé. E tem outros que para se iniciar, para se iniciar mesmo, eles têm que ser insuscetíveis de transe. As mulheres podem assumir o grau de *Eke di*. Uma *Eke di* não entra nunca em transe, não pode entrar em transe. A gente faz uma espécie de teste para saber se a pessoa entra ou não em transe, para poder ser *Eke di* ou para ser *Ogã*. Quando se sabe que a pessoa não é suscetível de transe, ele pode ser apontado, pode

ser suspenso ou pode ser iniciado - tem graus. Lá eu fui apontado. No Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, muito tempo depois, eu fui suspenso, que é uma espécie de pré-iniciação. Eu não sou iniciado. O meu irmão, Olímpio Serra, é que é iniciado. Às vezes as pessoas confundem, pensam que eu sou iniciado, mesmo porque eu me dediquei muito a estudar o Candomblé e, não só a estudar, mas a defender os direitos do Povo de Santo.

C.C. - Mas por que você não foi iniciado? Foi uma opção sua?

O.S. - Eu não tenho muita vocação sacerdotal, na verdade. Então, eu negocieei. *Orixá* é muito bom, porque você negocia com os *Orixás*. Eu negocieei e o meu... É claro, eu tenho certas obrigações para com o Terreiro. Eu sou suspenso, tenho uma ligação, faço parte da Família de Santo, integro a Família de Santo. Só que eu não tenho papéis rituais, porque para isso eu preciso de vocação, que eu não tenho. Agora, eu tenho uma obrigação. Uma obrigação. Em um jogo de búzios, um jogo divinatório - o *Ifá* - que fizeram comigo, os *Orixás* disseram que a minha obrigação seria lutar pelo Terreiro, lutar pelos Terreiros, pelo *Povo de Santo*. Isso eu cumpro. Eu faço com muito...

C.C. - Deixa eu te perguntar...

O.S. - Como?

C.C. - Nessa época que você fez o mestrado, em 77-78...

O.S. - É, eu fiz o mestrado com esse tema dos *Erês*. Depois, eu voltei, já como mestre, aqui para a Bahia.

C.C. - Mas deixa eu te perguntar um pouquinho ainda do mestrado. Nessa época, você conhecia... conheceu o trabalho que a Yvonne Maggie escreveu - *Guerra de Orixá* - aqui no Rio...

O.S. - Eu conheci o trabalho da Yvonne Maggie, claro. Era uma... Era um trabalho muito interessante, não é? Mas ela trabalhou mais com a Umbanda, não é?

C.C. - Foi.

O.S. - Aliás, eu fiz também o primeiro estudo etnográfico sobre a Umbanda em Brasília. Também foi tema de um livro meu. Fui pioneiro no estudo da Umbanda candanga.

C.C. - No mestrado, nessa época que você fez, em Brasília, havia curso ou era uma relação de orientação? Foi o Roque o seu orientador, não é?

O.S. - É, eu fui orientado primeiro por Melatti e depois pelo Roque. Pelos dois, tive dois orientadores lá. Era um curso muito bom. Era... Tinha Roberto Cardoso de Oliveira, que coordenava, dirigia. Era um homem diligente. Tive vários professores muito bons. O Peter Silverwood-Cope, a Alcida Rita Ramos, gente que era uma... brilhantes, brilhantes na Antropologia Social. Me interessei muito. Eu devo muito a essa formação do mestrado, em Brasília.

C.C. - Você continuava dando aula de grego durante o mestrado?

O.S. - Não, não, não. Isso foi interrompido porque o próprio Centro de Estudos Clássicos foi extinto. O Eudoro de Sousa continuou dando aulas lá, de grego. Eu continuei porque ninguém deixa de ser helenista. Não é? Quem provou desse prato continua com ele pela vida inteira. Eu, quando fui para o Xingu, eu levei Homero. Então, eu estava lá fazendo aqueles estudos e, de vez em quando, ficava lendo, recitando Homero. Ah, eu vou contar uma história engraçada para você, que me aconteceu logo no começo da minha formação como helenista. Como eu lhe disse, eu tinha a ambição de ler Homero. Assim que entrei no Centro de Estudos Clássicos, eu passava noite e dia estudando grego para ler Homero. Quando eu consegui, eu resolvi comemorar. Eu contei essa história quando eu tomei posse na Academia Baiana de Letras. Eu contei essa história que eu vou contar para você. Então, eu tinha essa loucura: “eu quero ler Homero em grego”. Li. No dia que eu terminei de ler o último canto da *Ilíada*, eu saí para comemorar num boteco que tinha junto da Universidade, perto da Universidade, que era onde os peões de obra, que estavam trabalhando na Universidade, iam tomar umas cachaças no fim de semana. Eu fui com eles. Aí comecei a tomar cerveja pelo método dos candangos, que é perigoso: a gente toma um copo de cerveja e um pouquinho de cachaça, para “temperar”, como eles dizem. Bom, a certa altura eu já estava completamente bêbado, subi na mesa e comecei a recitar a *Ilíada*: “*μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω...*”

C.C. - Em grego?

O.S. - Sim, em grego. Bom, o que era de esperar era que todo mundo me desse vaia ou que dissessem que eu estava maluco. Fez aquele silêncio reverente e, quando eu acabei, eu já estava muito emocionado, estava chorando de emoção, quando eu acabei, todo mundo bateu palmas - os candangos, todo mundo bêbado também. Dionísio entrou nessa festa aí [risadas].

Então... Me abraçaram. No outro dia, quando eu acordei, eu não acreditava no que tinha se passado: “isso deve ter sido um sonho”. Mas quando eu cheguei para a primeira aula, que era às sete e meia da manhã, encontrei um dos candangos que veio me abraçar. Disse: “baianinho, que coisa linda, aquele discurso que você fez!” [risadas]. Até hoje eu não entendo. Quer dizer, mostra a sensibilidade dessa gente. Todo mundo era analfabeto, em grego pelo menos.

C.C. - Ou então que baixou o espírito de Homero naquela hora, não é?

O.S. - Pois é, baixou Homero.

C.C. - Ou de Aquiles, quem sabe?

O.S. - Foi. Mas, enfim, foi uma experiência linda que eu tive em Brasília.

C.C. - Agora deixa eu te perguntar, antes de sair do tempo do mestrado: você participou de uma pesquisa com o Martín Ibañez-Novión.

O.S. - Com o Martín Alberto Ibañez-Novión. Foi uma pesquisa de Antropologia...

C.C. - Olha, eu li *O Anatomista Popular*. Eu li há trinta anos atrás, quando estava começando...

O.S. - Ah, certo, é...

C.C. - ...o trabalho antropológico. Não é?

O.S. - É, esse trabalho foi muito bom. A gente andou pelo noroeste de Minas Gerais - que é uma região muito interessante, muito rica - entrevistando curadores, parteiras, que o Martín chamava de *profissionais populares de saúde*. Foi uma experiência muito boa, muito rica, muito interessante também, das experiências de pesquisas que fiz.

C.C. - Como é que você entrou na pesquisa dele? Você conheceu como o Martín?

O.S. - Eu tive aula com o Martín. Depois, ficamos amigos. Ele me convidou a participar dessa pesquisa. Ele estava sobretudo interessado nas concepções... nas maneiras de perceber o corpo humano de diferentes culturas, de diferentes círculos tradicionais. Então, ele fazia um desenho de um corpo humano, masculino e feminino, só os contornos, e a gente pedia que as pessoas... (era uma experiência muito engraçada) que as pessoas preenchessem com desenho

também, tal como eles viam a constituição interna do corpo humano. Então, desenhavam os órgãos. E a gente, depois, na entrevista, tentava saber como é que era, tentava descobrir como era essa organização interna do corpo humano do ponto de vista daquelas pessoas. Depois, me veio a ideia de usar massas - essas massas coloridas que as crianças usam na escola. Ficou muito divertido. Eles faziam os órgãos e botavam no lugar. O Martín chegou até... ele quis até fazer uma exposição, que a gente não fez. Mas foi uma pesquisa muito interessante. Entrevistei vários curadores. Eu costumo dizer que eu trabalhei com os piores tipos de informante que tem no mundo, que são o mineiro e o baiano.

C.C. - Por quê?

O.S. - Vou contar uma brincadeira, uma brincadeira que faço. O mineiro e o baiano, evidentemente, você tem mineiros na Bahia e tem baianos em Minas. Mas repare bem o que eu quero dizer. Eu vou tentar explicar com uma pequena anedota. Ao mineiro, você pergunte, por exemplo: “como é que surgiu essa cidade, ou esse vilarejo, ou esse lugar?”. Ele pega um cigarrinho, faz um cigarrinho de palha, olha pra você, se acocora, tira uma pitadinha, diz: “é...”. Depois de algum... “é... foi indo, foi indo e apareceu” [risadas]. Então, para você tirar a história dele é um trabalho grande. O baiano é pior. Não é? Você pergunta, faz a mesma pergunta: “como é que surgiu essa cidade, tudo, ou esse vilarejo?”. Aí: “perai, senta aí que eu vou te contar tudo. No princípio, Deus criou o mundo...” [risadas]. Aí, até ele chegar no lugar é uma loucura. Mas foram experiências deliciosas. É uma caricatura que eu estou fazendo, é claro. É uma brincadeira. Mas tem isso, tem esses dois tipos de colaborador que a gente acha. Não gosto muito de chamar de “informante”. Na verdade, é um trabalho conjunto que a gente faz.

C.C. - Você... Essa pesquisa com o Martín Ibañez-Novión, você fez durante o curso de mestrado? Como é que você...

O.S. - Foi. Eu estava fazendo o mestrado. Só que eu terminei a minha dissertação muito rapidamente. Eu já tinha muito tempo de pesquisa. Então, eu não estava tão preocupado com a dissertação. Eu estava preocupado de assistir os cursos, que eram muito bons. E apareceu essa oportunidade. Eu me integrei à equipe, formada pelo Martín, e fomos a campo. Foi muito bom, foi muito divertido. Então... Saiu um bom resultado, eu acho. Foi para João Pinheiro, foi encomenda da Fundação João Pinheiro. Fizemos um relatório final. Alguma coisa a gente publicou no *Anuário Antropológico*. O Martín publicou outras coisas depois.

Foi interessante, foi uma boa experiência de pesquisa. Andamos por muitas cidades. Eu fiquei mais para o lado de Pirapora, Januária, aquela região ali. Fiz muitos amigos. Gostei demais dessa experiência.

C.C. - Depois do mestrado você voltou para Salvador e foi trabalhar na Prefeitura?

O.S. - Voltei para Salvador e aqui eu já estava casado. Me casei. Durante esse tempo de... em que eu estava... em que era mestrando, eu conheci a minha mulher, Regina. Ela estava fazendo pós-graduação em Arquitetura. Vou te contar uma coisa engraçada também: o curso de Arquitetura e Urbanismo tinha uma característica muito interessante lá em Brasília - era um lugar cheio de mulher bonita. Nunca vi tanta pós-graduanda bonita quanto nesse curso de Arquitetura. Eu comecei a frequentar. Comecei a ir para lá. Nunca assisti uma aula, mas ficava por ali. Nessa, conheci a Regina e nos casamos. Nos casamos...

C.C. - Em Brasília?

O.S. - ...depois de três meses que nos conhecemos.

C.C. - Em Brasília?

O.S. - Estamos juntos há 40 anos, 43.

C.C. - Vocês casaram em Brasília ou em Salvador?

O.S. - Nos casamos em Brasília. Depois é que viemos para Salvador.

C.C. - Ela é da Bahia também ou não?

O.S. - É paulista, ela é paulista. Agora, hoje ela diz que é baiana, diz que é baiana. Se aculturou completamente por aqui e se considera baiana. Também, tem duas filhas baianas, tem netos baianos, fez amigos.

C.C. - Claro.

O.S. - Ligou-se muito aqui à terra. Então, para ela, ela sempre diz que é baiana. Mas ela...

C.C. - Você voltou...

O.S. - Como?



C.C. - Perdão. Não, continua. Desculpa.

O.S. - Ela, na verdade, é de São Paulo. Nasceu em Assis e depois foi para Batatais, onde passou a infância. Depois, ela finalmente foi para São Paulo e estudou lá. Fez o secundário em São Paulo, capital, e fez o curso de Arquitetura e Urbanismo. Depois, foi para Brasília para fazer uma Pós-Graduação e foi quando a gente se conheceu.

C.C. - Entendi.

O.S. - É engraçado que tanto eu como ela dizíamos que nunca nos casaríamos. Há amigos que até hoje brincam com a gente - amigos comuns. A gente tinha essa conversa. A gente se conheceu, com três meses nos casamos. Isso assim porque... demorou tanto porque eu tive que ir para campo, senão a gente tinha casado antes. Depois é que viemos aqui para Salvador. Trabalhamos juntos na Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador.

C.C. - Isso que eu ia te perguntar. Você voltou de Brasília direto para a Prefeitura? Você foi contratado?

O.S. - É, eu vim, fui convidado. Naquela época o prefeito era Mário Kertész, que era muito ligado a um... Eu tinha um amigo que era chefe de gabinete dele, Roberto Pinho, que me convidou para vir a Salvador para me ligar a um grupo de coordenação de assuntos culturais que o Duda Machado estava à frente. Eu vim com essa perspectiva. Acabei indo para a Secretaria de Planejamento da Prefeitura. Foi uma experiência também muito boa. Eu comecei a me interessar muito pela problemática urbana, por essas coisas todas. Foi lá que eu desenvolvi um projeto, dois projetos importantes. Um foi o de mapeamento do artesanato baiano, que, na verdade, era um convênio entre a Pró-Memória (Fundação Pró-Memória), a Fundação do Estado da Bahia, a Prefeitura Municipal de Salvador e mais um órgão. Eu coordenei esse projeto. E o projeto de mapeamento de sítios e monumentos negros da Bahia, o projeto MAMNBA. Foi um projeto pioneiro. A gente começou a estudar os monumentos negros. Eu me lembro que naquela época a gente começava a falar em “monumento negro” e todo mundo achava muito estranho, porque a expressão não existia. Muita gente me disse: “não, isso é uma loucura! Se tem ‘monumento negro’ vai ter ‘monumento branco’. Por que você não chama o monumento de ‘monumento popular’?”. Havia um certo pudor com essa coisa. Mas, felizmente, o projeto foi muito vitorioso. Ele resultou no primeiro tombamento de um monumento negro, um monumento religioso negro, no Brasil e acho que nas Américas.

C.C. - Agora, Ordep, nessa década de 80 aconteceu o tombamento do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em 86, que foi um marco. Meu orientador, aliás, o Gilberto Velho, foi um dos pareceristas ou relatores, eu não me lembro.

O.S. - Gilberto foi um relator... Ele foi o relator na... Ele era conselheiro do IPHAN, do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico Nacional. Nós fizemos a proposta. Fizemos um estudo aqui na Bahia, um levantamento, que foi um documento bem grande, feito pelo MAMNBA, pela equipe que eu coordenava. Lançamos a proposta. O pedido de tombamento foi feito pelo *Ilê Nassô* Antônio Agnelo Pereira, quer dizer, por um sacerdote, um *Ogã* do Terreiro, do próprio Terreiro da Casa Branca, que presidia a Sociedade Civil que representa o Terreiro, que é a Sociedade São Jorge do Engenho Velho. Então, esse... nós encaminhamos esse projeto. Aloísio Magalhães era muito fascinado por esse projeto. Depois, o Marcos Vilaça, que ficou no lugar dele, também muito interessado, se empenhou muito por isso. Mas houve uma forte resistência no IPHAN naquela altura. Era vista como uma coisa muito escandalosa essa ideia de tomar um Terreiro. Tivemos discussões até amargas no IPHAN. Foi muito difícil as pessoas acharem... Aquela ideia antiga de monumento como uma coisa rica, uma coisa [inaudível] pelo meio...

C.C. - Pedra e Cal.

O.S. - ...ou então uma coisa colonial, enfim, Pedra e Cal, com estilo nobre etc. Então, você pegar uma casa pobre, de pretos, de uma religião perseguida (já foi perseguida e hoje continua a ser) e propor aquilo como monumento... Inclusive tentaram fazer com que a gente desistisse da ideia de que era um monumento histórico. Mas ele foi registrado no Tombo... no Livro de Tombo Histórico e no Etnográfico. Inclusive, diziam (eu me lembro bem dessa discussão): “ah, isso é Etnográfico”. Nesse momento, até o Gilberto se aborreceu e disse: “não, pera aí, o que é isso? Eu posso fazer etnografia de qualquer coisa, posso fazer etnografia do IPHAN. Não, não existe essa divisão!”. Porque no fundo, era aquela ideia de hierarquia: para os brancos, para a elite esses são históricos; essa gente preta, pobre etc., tudo índio e preto, etnografia é para eles. Essa concepção bizarra que estava na cabeça de muita gente. Isso era muito forte.

C.C. - Agora o... Você falou que o Gilberto se aborreceu. Nessa época, ele era novo de idade, mas tinha sido presidente da ABA já.

O.S. - Presidente da ABA e era... foi o relator. Graças ao esforço de Gilberto e também do próprio Marcos Vilaça que o tombamento foi admitido. Foi vitória por um voto, um voto - o voto de minerva do presidente Marcos Vilaça. Havia aquela resistência: “como que a gente vai tombar um Terreiro? Que coisa mais estranha!”. Engraçado, o segundo Terreiro tombado já foi por unanimidade. Hoje, você tem seis Terreiros grandes aqui da Bahia tombados pelo IPHAN, outros tombados pelo IPAC. Deixou de ser uma coisa que provoca... Ainda provoca. Ainda provoca certa... eu não diria escândalo, mas certa... deixa as pessoas um pouco encabuladas. Eu gosto... Eu dou risada. Gosto muito de dizer que eu criei um problema, criei um bom problema para o IPHAN. Por quê? O IPHAN está todo orientado para um tipo de memória. Não é? Não tinha considerado a possibilidade de outras modalidades, outros tipos de memória. Aliás, era isso que fascinava Aloísio Magalhães. Quando eu fui conversar com ele sobre o assunto, eu disse: “olha, professor Aloísio, doutor Aloísio, o senhor vai ver uma outra lógica da monumentalidade, o senhor vai ver um outro estilo de monumento, um outro modo de pensar a memória, que está presente no país, no Brasil, está presente em nosso país e é muito enriquecedor. O senhor vai ver coisas como ‘monumento invisível’”. Porque há monumentos invisíveis nos Terreiros. É uma coisa estranha para a cabeça de quem está acostumado com só uma modalidade de memória, só um tipo de cultura. A gente tem pedras que são monumento, árvores que são monumento - não só natural, mas monumento carregado de história, de simbolismo que o diferencia. Então, isso fascinava o Aloísio. Mas, por outro lado, outras pessoas, por preconceito ou por uma formação não muito rica, acharam muito estranho, muito esquisito isso, muito fora do comum, tombar esse tipo de coisa. Essa luta ainda continua. No...

C.C. - Fora do IPHAN...

O.S. - Sim?

C.C. - Perdão. Saindo do IPHAN - que tinha essa predominância dessa visão de arquitetos, da Pedra e Cal, dos monumentos católicos, coloniais - teve também um apoio, vamos dizer assim, no mundo político, em relação ao Candomblé, à Umbanda, ao tombamento?

O.S. - Teve um apoio muito grande. Foi uma surpresa, uma surpresa para o próprio IPHAN, surpresa para muita gente que resistia. Porque muita gente gostou da ideia. Por exemplo, na pressão que nós fizemos aqui para que o tombamento saísse, fosse aceito, a gente fez um abaixo-assinado com assinaturas, por exemplo, de Jorge Amado, de Carybé - de pessoas

eminentes, grandes intelectuais da Bahia - do Capinam e assim por diante. Mas também tivemos a assinatura do Abade de São Bento e do Fernando Sant'Anna, que era ateu de carteirinha, que era do Partido Comunista. Então, a gente teve de Abade a ateu pedindo o tombamento da Casa Branca. Uma coisa que me emocionou foi que a gente pediu que as pessoas mandassem telegrama para as autoridades - para o Prefeito, tudo - reclamando esse tombamento. De norte a sul do país veio uma chuva de telegramas. Eu me lembro de um que eu tenho uma pena imensa de não ter guardado, de eu não ter copiado, que foi feito pedindo que ele se empenhasse nisso, que foi de uma Associação de moças de origem alemã do Rio Grande do Sul que eu nunca mais localizei. Quer dizer, sensibilizou muita gente, não é? muita gente. Não só do movimento negro. O movimento comprou a ideia, óbvio. Abdias Nascimento. Nessa altura, a gente estava muito ligado ao movimento também em favor do reconhecimento da Serra da Barriga, dos Palmares. Foi uma coisa quase simultânea. O primeiro tombamento de monumento negro foi o Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. Pouco depois, Olímpio, que estava na Pró-Memória (meu irmão, antropólogo) - ele coordenava um grande projeto, um grande programa lá; era o Programa Etnias, voltado mais para o estudo de bens culturais de negros e de índios - ele lançou a proposta de tombamento da Serra da Barriga, onde ficava a capital do Quilombo de Zumbi dos Palmares. Eu trabalhei na exposição de motivos deste tombamento. Tenho muito orgulho disso. E muita raiva do palhaço que está agora na Fundação Palmares, atacando Zumbi, atacando as lideranças negras. Enfim, é um doente, coitado. É um infeliz que não se conforma com a própria pele. Sofreu a patologia do branqueamento, que é uma coisa sinistra que acontece no país. Transpira ressentimento contra seu próprio povo. No momento, devia estar sendo tratado por psicoterapeutas, por sócioterapeutas etc., e está lá, nesse governo sinistro de fascistas que nós temos. Ele está contradizendo tudo que foi a origem da Fundação Palmares. É um momento terrível que a gente está vivendo agora. Uma dominância, uma predominância da estupidez. Eu me lembro daqueles ataques à Universidade de Brasília. É aquilo mesmo, aquela mentalidade imbecil, com um ressentimento terrível contra a inteligência e contra a cultura. Essa mentalidade que faz invadir uma Universidade, de metralhadora na mão, imaginando sei lá que loucura. Então, é um país estupidificado hoje, em que um charlatão posa de filósofo sem nunca ter sido, fala loucuras, estupidez e bestialidade como o “marxismo cultural”, que envolve até o *New York Times*, o *Financial Times*, sei lá mais o que. Os jornais do mundo que falam mal dessa porcaria. Então, por aí você já viu que eu sou radicalmente antifascista e sempre fui, desde jovem. Enfim...

C.C. - Ótimo. Deixa eu te perguntar, nessa época, que teve, em 80 e... década de 80, você começou a dar aula também, na Federal da Bahia, de Antropologia, não é?

O.S. - Fiz o concurso.

C.C. - Como é que foi o começo da carreira docente - em Antropologia, porque você já tinha dado aula de grego?

O.S. - É, deixei a Prefeitura e entrei, por concurso, no departamento, primeiro, de Sociologia. Ainda ensinei Introdução à Sociologia durante algum tempo. Depois me transferei para o departamento de Antropologia. Fui chefe desse departamento umas quatro ou cinco vezes. Fui também - e me orgulho de ter sido - o fundador, enquanto coordenador, o coordenador que fundou o Programa de Pós-Graduação em Antropologia aqui.

C.C. - Em que ano que foi que foi criado?

O.S. - Como?

C.C. - Em que ano que foi criado o Programa de Pós de Antropologia?

O.S. - Agora, deixa eu me lembrar. Tem tempo atrás.

C.C. - Não, tudo bem, depois a gente procura. Não tem problema.

O.S. - Eu não me lembro exatamente quando... Eu sei que, na altura, eu era o chefe do departamento de Antropologia, junto com o professor Carlos Alberto Cardoso Soares, que depois foi presidente da ABA também. Nós nos empenhamos muito em criar esse Programa. Eu cheguei a ser o primeiro coordenador, só que por 15 dias, no máximo. Porque, nessa altura, eu fui chamado pelo Naomar de Almeida para ser pró-reitor - pró-reitor de extensão. Então, eu deixei o Programa. Quer dizer, passei a coordenação para outra pessoa. Acho que até para o próprio Carlos Alberto. E fui ser pró-reitor da Universidade Federal da Bahia, pró-reitor de extensão. Também foi uma experiência interessante.

C.C. - Agora, você teve também, nessa década aí de 80 ainda, experiência no IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico Cultural.

O.S. - É, é. Eu fui diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, o IPAC.

C.C. - E depois da Fundação Cultural (FUNCEB).

O.S. - Depois da Fundação Cultural do Estado da Bahia. No IPAC, a gente continuou... eu continuei com aquele projeto. Eu já tinha encerrado o Projeto MAMNBA, mas continuei com a mesma preocupação com a temática da memória, da preservação, da preservação cultural. Inclusive, foi no IPAC que nós começamos a desenvolver a ideia de registro. Quer dizer, de considerar... É uma ideia... A primeira semente deve ter sido... foi plantada por Aloísio Magalhães. Nós, aqui, avançamos. Eu criei um projeto - chamado Projeto Legislação - cuja finalidade inicial era criar uma Legislação de Patrimônio para o município de Salvador. Mas, dentro desse Projeto Legislação, nós tínhamos também a ambição de criar novos instrumentos de preservação. Porque só se contava com o tombamento. Era meio que uma chave para abrir todas as portas, coisa que é impossível. E se deixava de lado, até então, tudo o que não era expressamente Pedra e Cal. Enfim, só os monumentos edificados eram considerados. Então, a gente criou a ideia de um registro para outros tipos de bens - bens que são... bens culturais que se cifram num processo, por exemplo, são processuais, como uma dança, por exemplo. Essa ideia, depois, vingou no próprio IPHAN, quando se criou a categoria do tombamento... perdão, do “Registro de Bens Imateriais”. O nome não é dos mais felizes. Não é? Eu lembro que o meu irmão, Olímpio Serra, ele reagia muito a esse rótulo. Mas era um rótulo que já tinha sido adotado internacionalmente. Por isso vingou. Quando tivemos uma reunião (acho que foi em Fortaleza, não lembro) para discutir este assunto, meu irmão estava muito irritado com o rótulo de “imaterial”. Ele perguntou para a sobrinha dele, minha filha, que na época era pré-adolescente, tinha doze anos: “Marina, o que é imaterial?”. A Marina pensou um pouco e disse: “pensamento de fantasma, meu tio” [risadas]. Foi assim que ele começou o discurso, a palestra dele, lá, citando a Marina. Essa classificação, ele não gostava do rótulo. Eu também não gosto, mas, enfim, o mais importante...

C.C. - Vocês preferiam...

O.S. - Como?

C.C. - Vocês preferiam qual rótulo?

O.S. - Não sei não... “Patrimônio Não-Edificado”, “Patrimônio Processual”... Podíamos achar outro rótulo qualquer. Ou Registro: “Registro de Bens Culturais Não-Edificados”. Ou sei lá, A, B, C... Mas colocou-se esse rótulo, vamos em frente com ele, vamos... Já deu bons frutos. Não é? Já deu bons frutos. O Samba de Roda, por exemplo, foi reconhecido como um

bem cultural brasileiro, o que obviamente é. A Capoeira. Essas coisas todas. Muita coisa interessante está sendo reconhecida. Mas a gente ainda tem uma política de memória que precisa ser melhorada, refinada, mais substancial - do ponto de vista antropológico, mais voltada para a diversidade cultural que temos. Então... O patrimônio cultural indígena, por exemplo, continua sendo desprezado. Aliás, os índios continuam sendo desprezados. Eu, há pouco, tive notícia do Xingu que me deixou mergulhado em tristeza: o avanço da covid e dos incêndios na área do Xingu - uma das coisas mais bonitas que tem nesse Brasil. Estão calcinando o nosso país. Esse governo criminoso, irresponsável, de fascistas estúpidos. Militares sem cérebro. Estão fomentando esses ataques às terras indígenas - algumas das coisas mais bonitas que há no mundo. Você não calcula a beleza que é a Amazônia. Você provavelmente conhece, mas muita gente não tem ideia da Amazônia que eu vi mas que meu neto não vai ver. O Pantanal, esses incêndios no Pantanal, isso é de uma bestialidade enorme. Claramente criminosos. Esses criminosos não são combatidos, são estimulados. Os ataques às terras indígenas são crime contra a humanidade, um crime hediondo contra a humanidade. Eu estava te falando há pouco da maravilha que é a ecumene xinguana. Não só o espaço físico que está relacionado com ela, aquele labirinto de rios e lagos, uma floresta, a área de transição entre savana e floresta - tão bonita. Destruir aquilo, gente, é um crime hediondo contra a humanidade. Deixar que essas culturas faleçam, pereçam, que as pessoas morram à míngua... meu Deus! São civilizações selvagens. Eu espero que não se estranhe essa maneira de dizer. Mas são civilizações selvagens, milenares. A floresta é um dom dos índios também. Eu tinha aquela ideia da floresta virgem. É um erro. Ela é, em grande parte, construída. Construída pelos povos que a habitam, pelos indígenas. Muita coisa que eu julgava que era floresta virgem no Xingu, descobri depois que era pomar. Aquela coisa cultivada milenarmente pela sabedoria daqueles povos que se uniram e formaram um modelo político também muito bonito e muito maravilhoso. Desculpe se eu me emociono quando falo nessas coisas.

C.C. - Não, imagina!

O.S. - É que eu não me contenho.

C.C. - Também me emociono com isso. Agora, só para perguntar, Ordep...

O.S. - Nós estamos diante da barbárie mais brutal e violenta, mais desavergonhada. Um governo de mentiras, de incendiários, de criminosos. Não me canso de protestar contra isso.

Acho que minha obrigação, como cientista social, é também denunciar essa porcaria, essa porcaria. Aliás, é por isso que todos estamos sob suspeita. Nós, cientistas sociais - não, meu querido? - estamos todos sob suspeita, estamos todos sofrendo ataque, sofrendo com a mentira. Então, os órgãos que lidam com a pesquisa social são hostilizados, por quê? Porque querem esconder o que não pode ser escondido. Como não revelar a violência com que a fome está retornando ao Brasil? A fome mais hedionda está acontecendo. Querem que a gente mascare os dados. Querem que o INPE não mostre os incêndios. Querem que o IBGE minta. Se insurgem contra o cientista social porque ele mostra a realidade, ele mostra, ele levanta dados que não estão de acordo com a estupidez... com a estupidez grosseira desse desgoverno. Isso é uma coisa muito sinistra. Eu vejo os nossos colegas de Harvard preocupados com a Ciência Social do Brasil, cujo valor eles sabem, conhecem o valor da nossa Sociologia, das nossas Ciências Sociais. Aqui nós somos atacados. Não é? Há um movimento internacional... Eu converso com colegas da Europa ou dos Estados Unidos, com quem eu mantenho contato, é sempre aquele sentimento de espanto, de espanto escandalizado, de horror: “o que é que aconteceu com esse país?”.

C.C. - Pois é, o que você acha que aconteceu, Ordep? Porque, assim, o governo foi eleito pelo voto. Ele tem essa postura tão conservadora, retrógrada em muitos sentidos, de direita. O que...?

O.S. - Nós tínhamos aqui um antigo fascismo que saiu do armário. É o que eu vejo. Eu tenho visto muita gente aí das nossas classes médias que apoiam essa porcaria. Apoiam contra o seu próprio interesse - a cegueira típica da classe média: apoia aquilo que tende até a destruí-la. Tá? Esse fascismo guardado no armário e o fato de que nós estamos em um país com uma longa história escravocrata e uma saudade terrível da escravidão. Nós temos políticas escravistas, nós temos... Basta a gente - nós que somos cientistas sociais - a gente pode mostrar isso pelas estatísticas, pelos levantamentos que fazemos. Não é? A situação... A violência contínua contra os negros, contra os índios, contra os pobres, contra os mais pobres. É um país que tem uma desigualdade... Eu acho até que é a maior do mundo. Esse câncer da desigualdade que é fomentado e alimentado. Nós temos agora, em plena pandemia - nesta pandemia que é alimentada pela estupidez e pela perversidade do desgoverno - nesta pandemia nós estamos tendo o aumento da riqueza dos bilionários. Não é? De um lado isso, de outro o crescimento da fome, da miséria, do abandono, a destruição dos direitos do trabalho. Tudo isso está acontecendo diante dos nossos olhos e nós, que somos cientistas



sociais, temos a obrigação de mostrar isso., nós somos combatidos justamente porque somos fiéis a essa nossa *mister*.

C.C. - Deixa eu te perguntar: você, enfim, fez, nos anos 70, a sua formação como antropólogo e depois atuou também em instituições de governo, relacionadas a políticas culturais e tal. Eu me lembro de ter lido, lá nos anos 70 ainda, o Darcy Ribeiro publicou (se não me engano em 1970 é a primeira edição) *Os Índios e a Civilização*. Assim, era muito pessimista. Quer dizer, “os índios estão acabando”, tinha 100 mil índios e ia acabar. Nesses 50 anos, de lá para cá, que o livro foi publicado, ao contrário dos índios acabarem a gente teve um processo de... como chamam? “Renascimento étnico”, “ressurgência”. Essa identidade indígena ela foi, vamos dizer, aflorando, inclusive no Nordeste - se dizia que não tinha índio mais no Nordeste. Quer dizer, o índio, aquele caracterizado e tal. Mas também, essa coisa... Quer dizer, uma política de identidade também, não só indígena mas também negra etc. Como é que você acompanhou esse processo?

O.S. - Eu acompanhei de perto com muita alegria. Porque, olha, eu sou muito amigo do Pedro Agostinho. Ele agora está com problemas neurológicos que o tiraram de campo, mas ele foi um grande pioneiro nesse assunto. Quando o Pedro chega aqui na UFBA, em Salvador, para ensinar, não se falava realmente ainda do Nordeste. Como você acabou de dizer, no próprio livro do Darcy, o que constava era que não existia mais índio no Nordeste. O Pedro redescobre os índios no Nordeste. Ele criou um programa de pesquisa que se tornou famoso no país inteiro, e começou a reencontrar os Pankararé, os Kiriri, os Tuxá e travar relações muito próximas com as lideranças indígenas que estavam surgindo aqui. Reencontrou os Pataxó Hã Hã Hãe - os Pataxó lá do sul da Bahia. Fez um trabalho absolutamente extraordinário. Eu acho que merecia ser até mais reconhecido o valor do Pedro Agostinho nesse sentido, porque ele foi o pioneiro, ele foi o descobridor. Eu segui um pouco a trilha dele. Eu fui presidente, por duas vezes, da Associação - chamava-se à época - Associação Nacional de Apoio ao Índio, aqui na Bahia. Agora se chama Associação Nacional Indigenista, acho. Eu já não estou tão próximo dessa Associação, mas fui presidente, vice-presidente duas vezes e me engajei muito nessa luta. Me aproximei muito de lideranças indígenas daqui. Através do Olímpio, também me liguei com lideranças indígenas do Xingu e de outros lugares do Brasil. É isso que você acabou de dizer: a força do indigenato no Brasil é muito grande. Não foi só a questão das ressurgências étnicas, foi a criação de uma consciência pan-indígena. Eu ainda conheci índios que não sabiam que eram índios. Não é?

Porque “índio” é um rótulo inventado por nós para povos muito diferentes. Nós repetimos um rótulo criado pela ignorância de Colombo. Mas muitos dos nossos povos indígenas eles criaram uma consciência pan-indígena. Eu me lembro de Raoni chegando aqui para conversar com os líderes Pataxó, para dar força aos Pataxó da Bahia. Enfim, é uma das coisas mais bonitas que nós temos no Brasil hoje: é o indigenato. Esses povos indígenas atacados com uma bestialidade nazista e, todavia, resistindo. Resistindo, criando, criando. Eu sou amigo, por exemplo, do Ailton Krenak. É um dos nossos pensadores. Eu quero indicá-lo para membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, que já teve no seu corpo uma Yalorixá - a Mãe Stella. Agora eu quero indicar esse membro correspondente. Não é possível, a gente tem membro correspondente da França, da Itália, de não sei onde... Os nossos pensadores indígenas, não podemos deixar fora. Vamos trazê-los também para esse espaço em que estou agora. Fica isso, você tem razão: se as pessoas tivessem mais conhecimento do Brasil, estariam - em São Paulo, no Rio de Janeiro, por exemplo - todo mundo na rua lutando pelos direitos dos índios. Porque eles preservam a Amazônia. Por essa razão. Amazônia não é uma coisa distante de São Paulo e do Rio, isso é ignorância geográfica dessas pessoas que não as deixam enxergar. Está faltando chuva no Centro-Oeste e no Sudeste, por quê? Porque nós destruimos a fonte da chuva. A fonte da chuva que cai nesses lugares é a Amazônia. Não é? É ela que gera o grande rio celeste que vai alimentar as fontes e vai alimentar os reservatórios no Sudeste. Então, as pessoas vão passar sede nas grandes metrópoles do Sudeste por causa do ataque à Amazônia. Deviam estar todos aí agora prestigiando Raoni, prestigiando os líderes indígenas que temos, porque eles preservam um tesouro. O tesouro da Amazônia é a própria floresta, não é boi. Essa história de “boi bombeiro” é coisa de idiota. Não é? Coisa de imbecil. Pelo contrário, a floresta é o grande bem, é o grande bem, não há agricultura sem floresta, não há agricultura sem abelhas. Eu, hoje, estou muito ligado aos movimentos ambientalistas. Faço parte, com muito orgulho, de um movimento que tem aqui - a gente chama de Laços Eco-Urbanos. Estou muito ligado à questão ambiental, a esse movimento socio-ambientalista. Também ingressei no ISA - Instituto Socioambiental. É uma questão de lucidez, minha gente. Nós estamos destruindo o país, calcinando o país. Nós temos governantes que permitem que se destrua o Cerrado. O Cerrado é a caixa-d’água do país. Nós estamos plantando sede. Nós estamos, inclusive, plantando pandemias. Não é? Porque, o que nos dizem os biólogos? O que nos dizem os ecólogos? Que a destruição do habitat de tantas espécies, a destruição de florestas como a Amazônia é que vai provocar novos surtos virais. Não é? Esses animais, que têm que se deslocar do seu antigo habitat, é que trazem, até pelo desarranjo do seu modo de vida que nós provocamos, eles vão ser portadores

de novas cargas virais. Por isso que eu digo: isso é um ataque à vida, um ataque à humanidade. Este governo que temos é um governo de criminosos contra a humanidade. Criminosos contra a humanidade, contra a vida. Nunca vi um governo mais obcecado pela morte como este. Temos que resistir. Não é? Obcecado contra a inteligência, contra a inteligência. Cientista social, para esse governo, é uma coisa desprezível que não tem que existir. A gente precisa para quê desse mundo de militares ocupando cargos de que eles não conhecem nada? Nós temos como Ministro da Saúde, hoje, um General que acha que o clima do Nordeste é afetado pelo inverno, o inverno do hemisfério norte. Que coisa estúpida! Esse homem nunca estudou Geografia? Um homem que cingicamente chega para dizer para todo mundo que só veio a conhecer o SUS agora, quando foi nomeado para ocupar esse cargo. Ele não devia estar lá, não é cargo para ele. Enfim, a essa estupidez a gente tem que resistir a todo instante. Me desculpe estar voltando para esse tópico, mas, enfim, faz parte da minha biografia também, já que você está querendo saber da minha biografia.

C.C. - Fique à vontade.

O.S. - A minha carreira política é uma carreira de insubordinação contra isso.

*[Pausa para ajustes técnicos na iluminação]*

C.C. - Você foi fazer o doutorado nos anos 90 já, não é? Bastante depois.

O.S. - É, eu fui fazer o doutorado nos anos 90.

C.C. - Na USP.

O.S. - Foi um reencontro, porque eu voltei às minhas raízes de helenista. A minha tese de doutorado é um estudo sobre a mítica de Édipo. Édipo tem muitos mitos. Não é? A gente se fixou muito numa das histórias de Édipo, aquela que foi canonizada, tornada canônica. Porque Sófocles nos fascinou tanto e fascinou tanto Freud que todo mundo pensa que Édipo tem um só biografia. Mas ele, como todos os heróis míticos, ele tem várias biografias, tem várias histórias. Então, eu meti na cabeça que ia levantar a mítica de Édipo, estudando a iconografia pertinente, os documentos clássicos todos. Então, eu fui para a USP. Lá, fui orientando de uma arqueóloga, uma helenista brilhante que é a professora Haiganuch Sarian. Também passei uma temporada no Centre Louis Gernet, da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Esse Centre Louis Gernet era dirigido, na época, por Jean-Pierre Vernant.

Foi graças a um convite dele, que era amigo da professora Haiganuch Sarian, que eu fui para lá. Na verdade, tive pouco contato com o professor Vernant, porque na época ele estava com problemas de saúde. Ele era cardíaco e estava na época lá com labirintite muito forte. Então, tivemos pouca conversa. Fui orientado lá pelo Pierre Vidal-Naquet, o professor Pierre Vidal-Naquet. Os dois já se foram. Tenho saudade deles, saudades do Centro. Já saiu lá da Rue Monsieur-Le-Prince, onde ficava.

C.C. - É. Bom, grandes helenistas. Não é? Grandes helenistas, famosos, muito lidos também...

O.S. - Muito famosos. Lá também cheguei a ter contato com o Marcel Detienne; pelo menos assisti a um Seminário dele. E outras pessoas, grandes helenistas lá. Era um Centro muito frequentado. Também assisti Seminários importantes na École. Por exemplo, assisti a um Seminário de Bourdieu. Foi uma experiência muito boa lá em Paris. Aproveitei para andar um pouco pela Europa. Depois, voltei à Europa mais vezes. Fiz muitos amigos, principalmente em Lyon. Porque, quando eu era pró-reitor, eu negocieei um convênio entre a UFBA e a Universidade de... a Lyon 2, a Lumière Lyon 2. Nessa altura, eu fiquei amigo do professor François Laplantine. Somos amigos até hoje. Me aproximei da Universidade de Lyon 2. Fizemos aqui, criei um Seminário Lyon-Salvador. Tivemos... Este Seminário aconteceu duas vezes aqui em Salvador e uma vez em Lyon. Depois, quando eu deixei a pró-reitoria, esse projeto não foi mais à frente. Mas foi uma experiência muito gostosa, muito boa.

C.C. - Bom, você estava realizado vendo, lá na França, conhecendo os helenistas em carne e osso, não é?

O.S. - Como?

C.C. - Deve ter ficado muito satisfeito conhecendo em carne e osso os helenistas famosos.

O.S. - Muito, muito. Voltei a ser... a praticar mais o meu conhecimento dessa área de helenismo. Há pouco tempo, eu acabo de entregar uma tradução da tragédia *As Bacantes*. Uma tradução comentada. Deve sair pela Odysseus, pela Editora Odysseus, aí de São Paulo. Já tem uma encomenda de traduzir o *Christos Paschon*, que é uma tragédia bizantina. É uma tragédia mosaico, o que é uma coisa mais engraçada. Um autor cristão, que era fascinado por Eurípedes e por outros trágicos gregos, ele faz uma tragédia da Paixão de Cristo como um

mosaico, com versos de Eurípides e de outros trágicos. Ele pega, faz um mosaico desses gregos e monta uma tragédia. É uma coisa de bizantino mesmo, muito interessante. Vai ser o meu próximo projeto de trabalho, vai ser esse na área do helenismo. Mas eu também já traduzi Sófocles (*O Rei Édipo*), traduzi os *Hinos Órficos* (acho que a minha tradução dos *Hinos Órficos* é a primeira para a língua portuguesa) e traduzi uns três ou quatro... uma meia dúzia de *Hinos Homéricos* também. Continuo como helenista. Há poucos dias, traduzi um ditirambo de Píndaro. Vai sair publicado na Revista da Academia de Letras da Bahia.

C.C. - Muito bem. Você também fez ficção, não é? Além de traduzir.

O.S. - Eu sou uma mistura de helenista, macumbeiro e cientista social.

C.C. - Pois é, você tem muitos temas de pesquisa, não é? Desde culto afro-brasileiro, mitologia do Xingu, Édipo...

O.S. - É verdade.

C.C. - Como é que se mistura, se junta?

O.S. - É, eu entro por diferentes campos, mas, no fundo, é sempre a mesma preocupação de ver como... preocupação com a criatividade humana, com o poder da criatividade humana. É isso que me seduz. Então, a mítica xinguanã me fascinou por isso: ela é de uma criatividade extraordinária. O mundo dos *Orixás* também é de uma beleza muito grande. Há pouco tempo eu traduzi também os *Oríkìs*. *Oríkì* é um tipo de poema da lírica dos *Yorùbá*. Só que foi uma experiência engraçada, porque, quando eu comecei a traduzir, eu comecei a trair os *Oríkìs* sistematicamente. Depois eu descobri o porquê: afinal de contas, eu sou um crioulo da Bahia, conheço os *Orixás* da nossa experiência aqui - desde menino, eu via *Orixá* descer na Igreja em minha terra, em Cachoeira, dentro da Igreja. Na festa de Nossa Senhora da Boa Morte, o povo dava *Santo*. Então, eu estava acostumado com isso, com a presença dos *Orixás*. Quando eu vou traduzir poemas sobre os *Orixás* dos *Yorùbá*, eu comecei a misturar com a minha visão do mundo dos *Orixás*, tal como a gente vivencia aqui na Bahia. Então, saiu um negócio tão diferente que eu mudei o nome - botei um título novo: *Os Neorikis, Neorikis de Olufihã*. *Olufihã* é o nome que eu ganhei de presente. Os *Yorùbá*, o povo dos Terreiros, eles têm essa tradição de presentear as pessoas com nomes sagrados. É um *Oiê*, quer dizer, um título que me deram no Terreiro. Um Sacerdote do Terreiro da Casa Branca me deu: *Olufihã*. É um nome, um dos cognomes de *Xangô*, que é meu *Orixá*. Então, eu assinei: *Neorikis de Olufihã*.

São esses poemas que começaram como uma tentativa de tradução e depois deixaram de ser tradução. Acabaram virando uma coisa diferente, uma coisa nova. Eu comecei a misturar os códigos. Comecei a misturar os códigos.

C.C. - Muito bem.

O.S. - Eu realmente sou essa mistura aí, um pouco maluca. Não é?

C.C. - Te perguntar mais... Queria que você falasse um pouco: você foi membro-fundador do... KOINONÍA ou KOINONIA, não sei como é que...

O.S. - KOINONIA, sou membro com muito orgulho. KOINONIA: Presença Ecumênica e Serviço. É uma organização...

C.C. - Veio do CEDI. CEDI ou CEDÍ, também não sei...

O.S. - Como?

C.C. - O Centro Ecumênico de Documentação e Informação. E virou...

O.S. - É, era o CEDI, que se dividiu em dois. Uma parte foi o Instituto Socioambiental, ao qual eu recentemente me liguei também, e a KOINONIA. A KOINONIA é um movimento ecumênico fortíssimo, muito interessante, que investiu muito em trabalhos de defesa dos direitos do povo de Candomblé, por exemplo. Foi o primeiro movimento ecumênico no Brasil a reconhecer o Candomblé como uma religião. A maioria é de evangélicos, mas evangélicos decentes, evangélicos que levam em conta realmente o Evangelho. Eles têm uma percepção do ecumenismo muito bonita, muito ampla. Tanto que eles admitem, admitiram o povo do Candomblé. Admitem ateu - é o máximo do ecumenismo. Então, lá dentro tem evangélico, tem católico, tem, acho que, muçulmano, tem ateu, tem povo de Terreiro. É uma coisa muito bonita. Eu me liguei a esse movimento na luta, sobretudo, na luta contra a intolerância religiosa, o racismo religioso, que está na moda no Brasil. Toda hora a gente ouve falar de ataques aos Terreiros, promovidos por essas empresas eclesiais que usam a fachada de igrejas evangélicas para fazer lavagem de dinheiro, para fazer todo tipo de banditismo. Inclusive, tem um fenômeno que precisa ser estudado: nós temos agora grupos criminosos evangélicos. Não é? Como no Rio de Janeiro, você tem os “Bandidos de Jesus”, os “Bandidos de Cristo” e tem o “Bonde de Jesus”. Quer dizer, o sujeito se... Sob a capa dessa adesão religiosa, barbarizando, matando, roubando e invadindo os Terreiros em nome

de Jesus; matando as pessoas, oprimindo, destruindo os altares sob os olhares benevolentes e lenientes do Estado brasileiro. Não é?

C.C. - Agora, essa, vamos dizer, perseguição (acho que é a palavra mais apropriada) às religiões afro-brasileiras, ou de matriz africana, como se diz hoje, é muito forte no campo religioso. Não é? Isso cresceu muito. Como é que você acompanhou isso? É um fenômeno nacional, não é uma coisa localizada.

O.S. - Repare bem, sempre foi muito forte, mas muito empurrada para baixo, muito sufocada. Se escondia. As pessoas tinham vergonha de ainda existir tradições africanas no Brasil. Você olha para os jornais do começo do século e você vê, nos jornais aqui da Bahia e do Rio de Janeiro também, as pessoas escandalizadas com a existência de Terreiro, de samba. O samba já foi proibido no Brasil. Tudo o que é negro já foi muito mal visto no Brasil. O choro e o samba foram coisas feias para essa elitizinha idiota que nos governa desde tanto tempo. Então, existiu, sempre existiu, uma riqueza extraordinária no mundo das religiões afro-brasileiras no país, mas que vivia sob a pressão, sufocada, escondida. Não é? A vitalidade dessas religiões é muito grande e elas têm conseguido resistir. O que acontece agora é que essas lideranças estão se sobressaindo cada vez mais, se afirmando e disputando espaço com muita coragem, num país terrivelmente racista como é o nosso. Esse país é de um racismo brutal, cruel e desavergonhado, como poucos. A gente precisa tomar consciência de a que ponto vai a violência racista no Brasil contra os povos negros. As estatísticas estão aí. Você é cientista social, sabe disso muito bem. Não é? A crueldade com que a população negra é maltratada. O verdadeiro genocídio que acontece, a matança de jovens. Aqui em Salvador, no Rio de Janeiro, a matança de jovens negros é cotidiana. A opressão, a brutalidade com que se trata as mulheres negras no país é um vexame muito grande. Nós temos, hoje, a nossa Sociologia mostra isso esplendidamente, mostra isso esplendidamente. É uma coisa que me faz ser orgulhoso da Ciência Social brasileira é que ela é reveladora - ela mostra a chaga, mostra a brutalidade, essa violência, essa constante opressão que pesa sobre o povo negro. Mas é um povo muito rico, muito... com tradições riquíssimas - religiosas e outras - e que se sustenta nessa base, apesar de todos os vexames. Então, eu sou muito orgulhoso disso. Eu sou um crioulo baiano muito orgulhoso de minhas origens, muito orgulhoso de minhas origens. Acredito que a gente vai resistir a essa porcaria toda que está aí.

C.C. - Que bom. Agora, Ordep, deixa eu te perguntar, a gente já tem mais de uma hora e meia aqui de entrevista. A gente cobriu acho que as suas atividades principais...

O.S. - Eu sou falastrão, como todo filho de *Xangô*.

C.C. - Não, está ótimo. Eu queria só fazer uma pergunta que eu sempre gosto de fazer para os entrevistados. Uma curiosidade. Se você tivesse que destacar um livro, uma leitura que te marcou, assim, mais, na vida, o que te vem à mente?

O.S. - Homero. Não sai da minha cabeceira. Cada vez eu estou sempre aprendendo com Homero. Bom, na...

C.C. - A *Ilíada* ou a *Odisseia*? Ou os dois?

O.S. - A *Ilíada*, sobretudo. A *Ilíada* e a *Odisseia* também, todos os dois livros chamados “homéricos”. Esse poeta que ninguém sabe quem era, se ele existiu ou não existiu, é o que mais me marcou desde o começo da minha reflexão intelectual. Agora, também, no campo das Ciências Sociais são muitos pensadores importantes, do Brasil e de fora do Brasil. Eu não saberia destacar assim. Não é? Eu não saberia destacar qual que mais influenciou a minha carreira. Fica difícil de dizer. Pela minha formação lá em Brasília e depois em São Paulo também, gente como o Cardoso - Roberto Cardoso de Oliveira - foi muito importante para a minha formação de antropólogo. O Peter Cope. Deixa eu ver... Os professores que tive lá em Brasília, que foram excelentes, eles me marcaram muito, muito mesmo. Mestres importantes tive lá e aqui. É difícil destacar, muito difícil destacar. Ultimamente, agora, eu estou com 77 anos, eu estou me concentrando mais no que me dá prazer ou naquelas coisas em que eu sinto que eu tenho o dever de explorar, de estudar. Então, pelo lado de militante, eu me dedico a uma série de coisas como militante. Militante pelas questões ambientais, pela luta contra a desigualdade e contra o racismo. Isso eu vou fazer até o último momento. Até o último momento eu vou estar brigando contra essas coisas.

C.C. - Agora você está escrevendo o que, atualmente, hoje?

O.S. - Atualmente, eu estou... Bom, tem esse lado, mas tem o lado do prazer, das coisas do prazer. O que me dá prazer é a poesia. Então, a última tradução... o último texto que eu fiz foi um estudo e uma pequena tradução de um ditirambo de Píndaro. Terminei essa tradução das *Bacantes*. Eu escrevo ficção também. Eu fui premiado quatro vezes por coisas de ficção. E eu só publico quando sou premiado [risadas]. Não tenho dinheiro para publicar ficção e isso não dá mercado, então... Uma vez eu fiz um conto para mostrar à minha namorada - que hoje é minha mulher. Ela gostou, eu joguei na gaveta. Um belo dia eu tirei, botei num



concurso e aí, pronto, foi premiado. Aí eu tomei gosto por esse negócio. Concorri mais umas quatro vezes e desses concursos saíram algumas publicações de ficção. Então, agora eu estou escrevendo dois livros ao mesmo tempo. Eu tenho uma teoria engraçada quanto a isso. As pessoas pensam que é brincadeira, mas é sério. Se você se dedica a uma coisa só, a um projeto intelectual só, você se cansa muito. Mas se você tiver dois bem diferentes, um descansa do outro. Então, eu estou escrevendo um livro que vai se chamar *Da Obscenidade Política*, que é um estudo sobre o fascismo que assola o Brasil. Mas, simultaneamente, eu estou escrevendo ficção - um livro de contos, um grande livro de contos, que eu pretendo terminar em breve. Eu sempre faço isso. Me concentro em um estudo de natureza científico e sociológico, socioantropológico ou político, como é esse *Da Obscenidade Política* (o título já está dizendo). Mas ao mesmo tempo eu estou lidando com poesia, com ficção. Isso areja a minha cabeça, me deixa mais tranquilo, me descansa mais, por incrível que pareça. Se você faz uma coisa só, aí que a gente cansa. Se você fizer duas, descansa [risadas]. Você não acha?

C.C. - Ótimo. Não, também... Boa, boa dica. Ordep, então tá. Olha, foi um prazer te ouvir, te acompanhar nessa vida tão variada, com tantos temas interessantes. Eu queria agradecer, mais uma vez, a sua colaboração com o nosso Projeto.

O.S. - É um prazer, Celso. Muito bom conversar com você. Estou à disposição para qualquer coisa.

[FINAL DO DEPOIMENTO]